

**Actas**  
do  
**XVIII Encontro Nacional**  
**da Associação Portuguesa de Linguística**

(Lisboa, 2-4 de Outubro de 2002)

Organização  
Amália Mendes  
Tiago Freitas

**Título** *Actas do XVIII Encontro Nacional  
da Associação Portuguesa de Linguística*  
**Organização** Amália Mendes e Tiago Freitas  
**Execução gráfica** Colibri Artes Gráficas  
**Depósito legal n.º** 170 390/01  
**Tiragem** 500 exemplares  
**Lisboa** Setembro de 2003

Lisboa  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA  
2003

## Tempo, aspecto e modalidade – a propósito de *quando*

*Otilia da Costa e Sousa*

Escola Superior de Educação de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – Linha de acção nº 3

O trabalho que apresento pretende alargar a descrição sobre o marcador *quando p* dando conta de alguns problemas deixados em aberto. Referindo, de forma muito abreviada, os usos temporais de *quando p*, centro-me no estudo dos seus usos não temporais. Tentarei sublinhar as vantagens que decorrem de uma análise transcategorial, destacando-se na descrição proposta a não separação entre o nocional e o gramatical.

Tendo em conta um conjunto de enunciados e face à multiplicidade de valores associada a *quando p* – decorrentes de propriedades semânticas dos termos em presença, das categorias tempo, aspecto e modalidade, da organização sintáctica dos enunciados, etc. – procuro estabelecer a regularidade subjacente ao funcionamento do marcador em enunciados do tipo:

- (1) quando foi à secretaria, viu as notas
- (2) quando viu as notas, foi à secretaria
- (3) foi ao cinema, quando devia ter ido à escola
- (4) não se é pobre, quando se tem saúde
- (5) lembro-me quando encontrei o Rui

Retomo, de forma sintética, Sousa (1996) e coloco como hipótese que *quando p* é operador de ruptura. A operação de ruptura<sup>1</sup> permite marcar uma localização outra, autónoma. A autonomia referencial de *quando p* permite-lhe marcar a construção de um plano enunciativo disjunto em relação à situação de enunciação ( $Sit_0$ ). Ao localizar a situação num plano outro que não o plano enunciativo opera a sua própria localização, i.e., é auto localizado.

---

<sup>1</sup> Na sequência de Culioli (1980), o valor de ruptura é um dos valores possíveis da operação de localização, operação central na constituição do enunciado. A localização é a operação através da qual dois termos linguísticos (ou metalinguísticos) entram em relação, adquirindo, deste modo, valor referencial. Localizar um termo é atribuir-lhe um valor referencial. Diz-se que um termo está localizado em relação a outro termo quando o seu valor referencial é calculado a partir desse termo. Por sua vez o termo localizador está também localizado em relação a outro termo ou em relação a si próprio. Na relação de localização o operador de localização pode tomar os valores de identificação, diferenciação ou ruptura em relação ao termo localizador. Um termo cuja operação de localização em relação à origem enunciativa tem valor de ruptura está situado fora da situação de enunciação, isto é, está construído num plano outro em relação à situação de enunciação.

Numa relação interlexis do tipo *quando p, q* ou *q, quando p* as coordenadas subjacentes a *quando p* servirão de localizadores a *q*. A contingência, referida a propósito de *when*, por Moens & Steedman (1988) parece-nos que deriva do facto de *quando p* ser autolocalizado, i.e., o locutor ao enunciar *quando p* está a construí-lo *ad hoc*, com a finalidade de localizar *q*. É desta relação que derivam alguns dos sentidos associados a *quando p*.

As relações temporais construídas em (1) e (2) são tributárias, entre outros, do estatuto de localizador das coordenadas subjacentes a *quando p*. Como se pode observar em (1) a relação temporal entre *quando p* e *q* é de anterioridade/posterioridade: a situação *quando foi a secretaria* é anterior a *viu as notas*. Sem a presença de *quando* a relação temporal entre as proposições seria ainda de anterioridade posterioridade em: *foi à secretaria, viu as notas, ou viu as notas, foi à secretaria*. Esta relação é tributária da linearidade discursiva, das características aspectuais das situações e das propriedades semânticas das noções<sup>2</sup> em presença. Contudo, se mantivermos as condições referidas e alterarmos o estatuto de situação localizada/localizadora, construiremos relações temporais diferentes:

- (1') foi à secretaria, quando viu as notas  
 (2') viu as notas, quando foi à secretaria

Assim, nas condições verificadas em (1) e (2) a deslocação de *quando* altera a situação a partir da qual se constrói/reconstrói a referência e, desse modo, altera a relação temporal, como se verifica em (1') e (2'). Este comportamento é ilustrativo da autonomia referencial de *quando p* e da importância do papel da operação de localização na construção da significação.

Da disjunção operada e da autonomia referencial de *quando p* decorre o facto de se poder aproximar este de um predicador de existência: de todos os instantes possíveis extrai um conjunto de instantes que é associado a um dado domínio nocional e que se institui como localizador primeiro na relação interlexis.

Do ponto de vista da construção da referência, *quando* por si só é completamente indeterminado, os valores referenciais construídos dependem dos termos que com ele coocorrem. Dada a indefinição primeira marcada por *quando p*, a lexis com que este coocorre especifica a o valor referencial de *quando p*. Como vemos, a

<sup>2</sup> A noção é uma representação cognitiva e linguística (Bouscaren & Chuquet 1987:145), construída em cada enunciação pelos enunciadores a partir de um conjunto estruturado de propriedades físico-culturais. Definida em intensão, a noção para ser determinada sofre várias operações, sendo a primeira destas a constituição de um domínio nocional, isto é, constituição de uma classe de ocorrências e de um espaço topológico que permite distinguir o que pertence ao interior do domínio (p) e o que pertence ao exterior do domínio (p'), o seu complementar. Por exemplo, a partir da noção predicativa /ser arrumada/, continuaremos no interior enquanto as ocorrências forem identificáveis, passaremos ao exterior quando as ocorrências não tiverem nada a ver com /ser arrumada/. O complementar linguístico de /ser arrumada/ pode ser /ser desarrumada/, /ser desleixada/, etc..

construção de referência em estruturas deste tipo aproxima-se da construção da referência nominal em estruturas de predicação de existência. Em Sousa 1999, estudo a construção de existência linguística na abertura de narrativas e concluiu que a entidade é introduzida por um predicador de existência combinado com um SN indefinido: *era um cavalo*, sobre esta entidade introduzida no discurso são realizadas operações de especificação: *que estava no campo*, por exemplo. De modo análogo, *quando p* isola e instancia, da totalidade dos t possíveis, uma classe de t que localiza a classe de t associada à lexis *q* e esta, por sua vez, especifica os valores referenciais associados a *quando p*. Há, pois, uma certa circularidade na construção dos valores referenciais associados a esta estrutura: *quando p* institui-se como localizador de *q* e as coordenadas associadas a *q* especificam os valores referenciais associados a *quando p*.

No modelo teórico de A. Culioli, a localização é um dos três tipos de operações constitutivas do enunciado, de forma abreviada, diremos que: sobre um esquema nocional primeiro, estabelecem-se operações de determinação, seguidas de um cálculo predicativo e de operações de localização. Os três tipos de operações não são separados ou ordenados, mas simultâneos, havendo interacção entre operações de localização de predicação e de determinação.

Num artigo de 1980, Culioli refere *quand* e afirma tratar-se de um marcador aorístico<sup>3</sup>. O funcionamento aorístico (Campos 1998:33-35) permite dar conta de fenómenos que têm a ver com determinação, mais precisamente com a operação de extracção e, associadamente, com predicação de existência e com validação, isto é, construção da ocorrência da noção predicativa em p ou p' (no interior ou no complementar linguístico do domínio nocional).

### Sobre *quando* em português

Dias (1917) acerca de *quando* apresenta frases em que este pode veicular diversos valores, a saber a) valor temporal -, b) a aproximação de *quando* e *se* - em asserções gerais -, c) o seu uso para exprimir um contraste, d) valor causal. Mateus et alia (1989:309-312) apresentam *quando* como um conector que marca ordenação temporal, podendo também ocorrer em orações temporais independentes, em exclamativas de sentido temporal, como morfema inicial em complementos frásicos verbais de sentido temporal. Cunha (2000) conclui que *quando* é um localizador temporal relativamente "neutro" em relação à ordenação temporal das situações em relação, aproximando as construções com *quando* das "frases ordenadas linearmente no discurso", segundo o autor, a função principal de *quando* parece ser a de

<sup>3</sup> Partindo de uma certa insatisfação face a terminologias e à multiplicidade de fenómenos designados por aoristo, Culioli propõe o conceito de aorístico, indicando as suas características essenciais e formas que, em francês, têm funcionamento aorístico. Com a adjectivalização Culioli desloca o enfoque de formas e etiquetas (os aoristo grego, berbere, búlgaro, etc.) para modo de funcionamento, um determinado modo de funcionamento, a saber: representação da situação como compacta, objectivação da temporalidade, apagamento do enunciador.

“saturar as possibilidades de localização temporal para a oração principal” (ibidem:23). Mória (2001) apresenta estruturas em que *quando* pode ser parafraseado por *na altura em que*, propondo a categorização destas estruturas como orações relativas.

### Quando atemporal

A divisão proposta aqui releva de questões metodológicas. A forma *quando* é unitária no seu funcionamento. Por questões de espaço, proponho, neste artigo, a análise de alguns contextos em que outros valores se sobrepõem ao valor temporal de *quando p*.

Num artigo de 1979, Carlson defende que há dois tipos de *when* em inglês: um cuja natureza é temporal e outro cuja natureza é atemporal. Segundo o autor (ibidem), a atemporalidade de *when* depende da natureza e das operações de determinação que incidem sobre o SN sujeito sintáctico, sobre o predicado da oração principal e da possibilidade de co-referencialidade entre os sujeitos das duas orações em presença, como é ilustrado no enunciado seguinte:

- (6) a. os lobos podem ler jornais quando são inteligentes (adaptado de Carlson 1979).

O valor genérico resulta da coocorrência das diversas formas: a determinação do sujeito sintáctico – *os lobos* –, pela determinação do predicado – *podem ler*, não delimitação do lexema verbal e as características aspectuais do presente –.

Se, por exemplo, alterarmos a determinação do sujeito, ou do predicado como nos enunciados seguintes, deixa de ser possível a leitura atemporal:

- (6) b. ? o João pode ler jornais, quando é inteligente  
(6) c. os lobos comeram, quando eram inteligentes

A possibilidade de leitura “sem” tempo, genérica é resultante do enunciado na sua totalidade: do semantismo das diferentes formas em presença, das operações de determinação que incidem sobre cada um dos seus elementos e da interacção de todos no conjunto.

É frequente, a propósito destes empregos de *quando*, aproximar este marcador do marcador *se*. Veja-se o exemplo retirado de Dias 1917. aqui retomado:

- (3) a. Não se é pobre quando se tem saúde  
(3) b. Não se é pobre se se tem saúde

Esta aproximação de *quando* e *se* é relativamente comum. Wierzbicka (1998) apresenta, mesmo, exemplos de línguas em que em certos contextos não há distinção entre *if* e *when*.

Parece-me que em português, embora em enunciados deste tipo as duas formas sejam intersubstituíveis, *quando* e *se* são marcadores de operações distintas. Ainda que, aparentemente, em certos contextos, os dois marcadores possam comutar sem que, numa primeira abordagem, o sentido do enunciado se altere, como é visível nos enunciados anteriores e nos que se seguem:

- (7) a. quando educadas, as crianças são mais bonitas  
(7) b. se educadas, as crianças são mais bonitas

A paráfrase introduzida por *se* não parece alterar a significação do enunciado. Se, no entanto, buscarmos outros enunciados, sobretudo se introduzirmos alterações a nível da determinação temporal-aspectual, começa a perceber-se que as duas formas produzem uma significação distinta. De seguida, apresentam-se alguns contextos em que *quando* e *se* podem comutar, sendo, no entanto possível, descortinar alterações de significação:

- (8) a. quando chove, a cave enche-se de água  
(8) b. se chove, a cave enche-se de água

- (9) a. quando for à feira, compro um queijo  
(9) b. se for à feira, compro um queijo

Enquanto em (3a), (3b) e (7a), (7b) do ponto de vista da significação pareça não existir diferença de significação, os marcadores *quando* e *se* comutam sem, aparentemente, haver problemas, em (8) e em (9) começamos a ter dúvidas sobre a equivalência de sentido das frases. Na estrutura interlexis marcada por *se* observa-se que esta forma marca a construção dos domínios *ir à feira* ou *chover* sem que se afaste o seu complementar *não ir à feira* ou *não chover*, por exemplo. A forma *se* engendra uma representação binária que reenvia à coexistência de dois valores contraditórios (p,p') ou, de outro modo ao interior do domínio e ao seu complementar. Já a forma *quando* seleciona um dos espaços associados à representação do domínio associado à relação predicativa em causa. (8a) pode ser parafraseado por *sempre que chove, a cave enche-se de água* e (8b) *caso chova, a cave enche-se de água*. Enquanto em (8a) verifica-se a construção de um percurso, i.e., é construída uma classe discreta de ocorrências representadas por intervalos fechados em que *chove* antecede *a cave enche-se de água*, em (8b) é construída uma hipótese a partir da qual é construído *a cave enche-se de água*, a partir de uma hipótese não se pode construir um valor de factual.

Pelo que ficou dito, percebe-se por que é que não é possível (8d):

- (8) c. quando fui à feira comprei um queijo  
(8) d. ?? se fui à feira comprei um queijo

Como vemos, os valores marcados pelo pretérito perfeito simples (PPS) (Campos 1984) e a determinação subjacente ao pronome de 1ª pessoa, conduzem à construção de um evento construído como único, delimitado, fechado, do domínio do realizado. A significação construída é incompatível com a operação marcada por *se*.

Com *chover cave encher-se de água* no PPS são possíveis as duas construções, mas com significações diferentes:

- (9) c. quando choveu a cave encheu-se de água  
(9) d. se choveu a cave encheu-se de água

Como se pode verificar, no enunciado em que ocorre *quando* é marcada a construção de uma ocorrência de chuva. Subjacente a *quando choveu* está a asserção *choveu*, que é do domínio do pré-construído, há, portanto, uma ocorrência de chuva. O locutor declara que é verdadeira a relação predicativa. Já no enunciado em que ocorre a forma *se* não é construída nenhuma ocorrência de chuva o que é construído é a co-existência do domínio e do seu complementar: *chover/não chover, nevar, fazer sol...*, sem que o locutor se comprometa com qualquer deles.

Em contextos discursivos em que a selecção de um e um só valor é pertinente, por exemplo, no discurso científico ou no discurso de divulgação científica, a utilização de *quando* é muito importante<sup>4</sup>, como se pode observar nos seguintes enunciados:

- (10) ...ou frias sobre o cimento comprido, ladrilhos, marmorite, tec., que no inverno se tornam demasiado frios. Os ângulos de união do pavimento e paredes quando arredondados, facilitam a limpeza e acumulam menos poeira... (Ref: L0343P0322X)
- (11) ácido sulfídrico e outros gases mal cheirosos e pode formar-se espuma que vem à superfície. Quando a decomposição activa diminui, o teor de oxigénio sobe. Quando a poluição é intensa e a decomposição é extremamente activa, a transição para a zona seguinte pode ser muito retardada. (Ref: L0343P0356X)

A possibilidade de comutação entre os dois marcadores sugerida em alguma literatura, despoletou esta análise. A necessidade de apontar as diferenças entre eles decorre de observações que fui fazendo. Por exemplo, na primeira análise que fiz sobre enunciados do *Português Fundamental* surpreendeu-me, quer pela grande frequência, quer pela regularidades dos contextos, a utilização de *quando p*.

Do que ficou dito, entende-se a importância da utilização de *quando*, sempre que o enunciador se assume como origem da validação da relação interlexis.

<sup>4</sup> Esta nota é suscitada por uma observação aturada de enunciados do *Português Fundamental*. Verifiquei que em textos de divulgação científica o marcador *quando* se impõe em contexto deste tipo.

### Quando em enunciados com valor adversativo

Em enunciados em que a forma tem valor adversativo, *quando p* surge normalmente posposto (Sousa 1996: 110): *q quando p*. A relação estabelecida entre as duas lexis veicula um valor de contraste.

O contraste<sup>5</sup> resulta das propriedades semânticas das noções subjacentes às relações predicativas em presença e, por isso, muitas vezes *quando* pode comutar com *mas*. Contudo, ao substituir *quando* por *mas* a significação é alterada, ainda que prevaleça o valor de contraste.

Em Sousa 1996, na análise de enunciados em que *quando* tem valor adversativo, este dependia da oposição entre uma ocorrência de situação construída como factual *foste ao cinema* e a construção de uma componente contrafactual *devias ter ido ver a tua avó*:

- (12) foste ao cinema, quando devias ter ido ver a tua avó

No enunciado (12) há construção de um valor intersujeitos de censura. Este valor resulta, segundo Campos 1998: 188), da presença no enunciado de uma componente avaliativa e de uma componente contrafactual. A primeira corresponde a um juízo deontico representado por <tu dever ir ver a avó> construído como validado, a segunda corresponde à asserção da não realização de <tu ir a casa da avó>. No enunciado é construído como validado <tu ir ao cinema>, complementar linguístico de <tu ir a casa da avó>.

Alargamos a análise a enunciados em contextos de enunciação relatada, isto é, enunciados em que se verifica dissociação entre o locutor e o enunciador.

- (13) a. diz-se que é uma desarrumada, quando afinal tem a casa impecável  
(14) o Mário disse que era mentira, quando se sabia que era verdade

A situação de *q – é uma desarrumada* – encontra-se localizada em relação a *diz-se*. Como vemos, o localizador encontra-se presente na linearidade discursiva: *diz-se*; a situação de *p – tem a casa impecável* – é localizada por *quando* e validada pelo enunciador:

*Quando* estabelece entre *q* e *p* uma relação de não localização. Ao marcar esta relação *quando* apresenta as situações como ocorrências de um mesmo domínio nocional: no enunciado são construídos o interior do domínio nocional *p* e o seu complementar linguístico *p'*. A construção das ocorrências são localizadas uma no exterior (ser desarrumada) outra no interior do domínio nocional (ter a casa impecável), marcando *quando* a ruptura entre uma zona e outra. A totalidade do domínio é construído pelo sujeito enunciador, no entanto este só se responsabiliza

<sup>5</sup> Mória (2001) refere dois exemplos em que *quando* tem este valor: a) O Paulo foi com a Ana à festa, quando era suposto ele ir sozinho b) A Ana pensa que o Paulo tem vinte anos, quando, na realidade, ele tem só dezassete.

pela validação de uma das relações predicativas em questão, aquela em que ocorre *quando*. A assunção da validade de /ser desarrumada/ é remetida para um enunciador ausente, mas cuja existência é construída linguisticamente no enunciado. A verbalização da situação de enunciação diferida em que enunciador origem e locutor não coincidem é marcada por *diz-se*<sup>6</sup>. Na marcação de que a lexis introduzida por *quando* corresponde ao “bom” valor tem um papel importante a marcação prosódica.

Concluindo, em (13a) é construída uma não localização entre a asserção localizada por *diz-se* – e a asserção localizada em relação a *quando* – *tem a casa impecável*.

Poderíamos substituir *quando* por *mas*, no entanto, perder-se-ia, precisamente, a ruptura entre *p* e *q*. Ao omitir o marcador *quando*, veria construído um valor de contraste, mas não de não localização, como se pode concluir do confronto entre (13a) e (13b):

(13) b. *diz-se que é uma desarrumada mas afinal tem a casa impecável*

Ao compararmos (13a) e (13b) fica claro que o valor adversativo não é intrínseco ao marcador *quando*. É interessante notar que é a não validação de *q* por *S<sub>0</sub>* que possibilita a coocorrência de *quando*:

(13) c. ?*é uma desarrumada quando afinal tem a casa impecável*

(13) d. *é uma desarrumada mas afinal tem a casa impecável*

Enquanto a forma *mas* pode ocorrer em enunciados com ou sem uma outra origem enunciativa, como se pode observar em (13b) e em (13d), o marcador *quando* pela sua especificidade exige a construção no enunciado de uma outra origem enunciativa. Parece-nos evidente a relação entre construção da relação predicativa e a dimensão enunciativa da assunção da construção: em *quando tem a casa impecável* é validada a noção predicativa em causa e, numa mesma enunciação por um mesmo enunciador não seria possível validar o seu complementar, como se verifica em (13c).

### *Quando* em estrutura de complementação

Este tipo de construção encontra-se pouco estudada em português. *Quando* pode ocorrer numa estrutura de complementação introduzindo um complemento frásico subordinado ao verbo de que depende.

<sup>6</sup> Neste enunciado, a forma é um marcador de percurso, i. e., percorre-se a classe dos locutores sem que um seja distinguido. Coloca-se o problema de saber quem assera a completiva? Não é o enunciador na medida em que este assera a subordinada, contendo *quando*. Na completiva retoma-se explicitamente uma outra situação de enunciação.

Em (14a), *quando* relaciona dois termos *lembrar-se* e *encontrar o Rui*. A relação que estabelece entre estes dois termos é de não localização. O primeiro termo da relação – *lembro-me* – é localizado em relação a *S<sub>0</sub>*, o segundo termo – *encontreste o Rui* – é localizado em relação a *quando*, que, como foi assinalado estabelece uma disjunção com a origem enunciativa:

(14) a. *Lembro-me quando encontraste o Rui, ficaste entusiasmadíssimo!*

*E quando foi isso?*

*Não sei.*

O valor não temporal desta ocorrência do marcador é atestado pela sequência do diálogo. O contexto poderia sugerir que *quando* poderia comutar com *que*. Refira-se que ao comutar com *que* o que se perderia era, precisamente, a relação de não localização entre os termos, já que o relativo marcaria uma retoma anafórica de *lembro-me*.

(15) a. *detesto quando me interpretam mal* (ex. de Mateus et alia 1989)

Em (15), o verbo *detestar* subcategoriza *quando me interpretam mal*. A relação predicativa iniciada por *quando* é, assim, dependente sintáctica e semanticamente do verbo principal. A relação estabelecida por *quando* é uma relação de não localização. *Detesto* é localizado em relação a *S<sub>0</sub>* e *quando me interpretam mal* é autolocalizado, i.e., é autónomo em relação às coordenadas espaço temporais que regem *detesto*. É a sua autonomia referencial que permitiria, com marcação prosódica apropriada, a deslocação de *quando* para o início do enunciado<sup>7</sup>:

(15) b. *quando me interpretam mal, detesto.*

*Repare-se como (16a) é semelhante a (15b):*

(16) a. *quando me lembro disso!...* (ex. de Mateus et alia 1989)

As autoras afirmam que o conector *quando* além de ocorrer em construções de ordenação temporal pode surgir, entre outros, em exclamativas de sentido temporal (ilustrada em (16)). Neste enunciado, *quando* distingue um instante ou uma classe de instantes para localizar *me lembro disso*. A entoação exclamativa provoca o reenvio ao centro atrator do domínio notional, neste caso, o domínio de uma ocorrência de lembrança previamente construída (*disso* – marca precisamente a retoma de algo pré-construído), que serve de localizador à lexis que se segue.

<sup>7</sup> As autoras argumentam que (14b') é agramatical. O estatuto de complemento frásico de *quando p* impediria esta deslocação.

Os exemplos (16a) e (16b) confirmam as hipóteses acerca de *quando*. Assim este marcador estabelece localização autónoma, em ruptura.

#### 4. Conclusão: *quando* operador de não localização

Pensamos ter demonstrado que a plasticidade de *quando* advém de uma característica essencial – o ser operador de ruptura. *Quando* marca ruptura em relação a Sit<sub>0</sub> ou a outro localizador do co-texto, marca ruptura entre o domínio nocional e o seu complementar, marca ruptura em estruturas de complementação entre o verbo e o sintagma complementador que este subcategoriza.

#### Referências bibliográficas:

- Bouscaren, J. & J. Chuquet (1987) *Grammaire et textes anglais*, Paris, Ophrys.
- Campos, M. H. C. (1998) *Dever e poder: um subsistema modal do Português*, Lisboa, FCG/JNICT.
- 1984 “Pretérito Perfeito Simples/Pretérito Perfeito Composto: uma oposição aspectual e temporal”, *Letras Soltas* 2: 11-63.
- Carlson, G. N.  
1979 – “Generics and atemporal when”, *Linguistics and Philosophy* 3: 49-98.
- Culioli, A.  
1990 – *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, Paris, Ophrys.
- 1980 – “Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique” in DAVID, J. & R. Martin (eds) *La Notion d'Aspect*, Paris, Klincksieck: 181-193
- Cunha, F. (2000) “Valores temporais com *quando*”, *Cadernos de Semântica* 8: 1-27
- Dias, A. E. S. (1917) 1970 – *Sintaxe Histórica do Português*, Lisboa, Clássica editora.
- Mateus, M. H. M. et alia  
[1983] 1987 – *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Moens, M. & M. Steedman  
1988 – “Temporal ontology and temporal reference”, *Computational Linguistics* 2:15-28.
- Móia, T. (2001) “Aspectos sintáctico-semânticos das orações relativas com *como* e *quando*” in Correia, C. N. & A. Gonçalves (org) *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*, Lisboa, APL: 349-361.
- Sousa, O. C. (1996) *Construindo Histórias: Quando, então, depois, marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*, Lisboa, Estampa.
- 1999b “Imperfeito e predicação de existência” in Lopes, C. & C. Martins (orgs) *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga: 501-512.
- Wierzbicka, A. (1998) “Anchoring linguistic typology in universal semantic primes” pp 1-69 (manuscrito).